

DA TEORIA À PRÁTICA: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA / LIBRAS PARA SURDOS E OUVINTES

AUTORAS:

ROSILENE FELIX MAMEDES

ADILMA GOMES DA SILVA MACHADO

ROSENICE DE LIMA GABRIEL

CHARLENE DE LIMA ALEXANDRE DA SILVA



*Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua
portuguesa/Libras para surdos e ouvintes*

VOL 3

AUTORAS:

Rosilene Felix Mamedes

Adilma Gomes da Silva Machado

Rosenice de Lima Gabriel

Charlene de Lima Alexandre da Silva

Publicação:



ISBN 978-65-5886-013-6



9786558860136

Capa e Projeto Gráfico: SAL DA TERRA

Direitos reservados à

**Sal da Terra e a
Contatos
Empreendimentos**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da editora.

© da edição: Editora Sal da Terra, João Pessoa, dezembro de 2020.

MAMEDES et al. *Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes*. Editora Sal da Terra. Vol.3. 2020.

COMISSÃO EDITORIAL

Dra. Veridiana Xavier Dantas

Ma. Rosilene Felix Mamedes

Esp. Vanderson Douglas

Esp. Nadja Maria de Menezes

COMISSÃO TÉCNICA

Kelly Dias Moura

Michele Teixeira Pontes

PREFÁCIO

A coleção da teoria à prática é resultado das vivências do Grupo de Estudo Rosilene Felix Mamedes, que atua há dez anos, com docentes, especialmente, da rede pública de ensino. Ao longo dessa trajetória o grupo vem produzindo conteúdo acadêmico em eventos científicos. Nesse sentido, dando continuidade ao frutífero trabalho do grupo, nasce a coleção “Da teoria à Prática” que tem como principal objetivo unir a teoria, de uma forma mais simples às práticas pedagógicas de atividades voltadas para discentes que estão em contexto de aprendizagem. Entendemos que a partir de 2017 com a nova BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR-BNCC, faz-se necessário que tanto os profissionais que estão à frente da missão de ensinar, bem como os pais/ responsáveis pelos discentes precisam de um olhar mais cuidadoso para os fins da aprendizagem significativa a partir de práticas pedagógicas orientadas e, sobretudo, direcionadas para que estes possam desenvolver as habilidades e competências dos discentes a partir de um dado objetivo. É nesse sentido, que a coleção “Da teoria à Prática” chega em 2021, com atividades programadas, esquemas didáticos e orientações de propostas desenhadas para que tanto o docente, como os pais ou responsável, ou até mesmo o discente possa desenvolver suas habilidades e competências, já que a atividade será toda norteada e guiada pelo fio condutor do princípio do ensino-aprendizagem.

Para isso, essa coleção será dividida em séries, com volumes bem definidos por tema. A primeira série será organizada em 04 (quatro volumes) que seguirão as temáticas: **Vol1: Da teoria à prática: construindo sentidos a partir de práticas de letramentos orais e escritos**- Este volume trará a teoria a partir da BNCC (2017), sendo guiada pela base teórica do Letramento e dos gêneros textuais para aluno em contexto de aprendizagem. Além disso, contemplará três seções: Letramento oral, letramento escrito e Letramento inclusão; **Vol2: Da teoria à prática- jogos e TIC'S em contextos de práticas de aprendizagem**- Este volume será destinado a desenvolver práticas de atividades pedagógicas com jogos e a partir das novas tecnologias educacionais, com uso de ferramentas educacionais que podem auxiliar no ensino-aprendizagem dos discentes. Este volume contemplará a educação a partir de propostas para os níveis fundamentais, com atividades de alfabetização, língua portuguesa, matemática e inclusão; **Vol3: Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras**

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

para surdos e ouvintes- Para este volume será explorado propostas pedagógicas para alunos surdos e ouvintes, a partir de atividades inclusivas que sejam resguardadas nos documentos oficiais para o ensino da Libras como L2.

Por fim, o **Vol4: categorias freirianas tecendo sentidos na EJA** em comemoração ao ano de Freire, o pai da EJA, trazemos o debate e vivências a partir de propostas pedagógicas e relatos de experiências de profissionais que trabalham com essa modalidade e ensino e vêm desenvolvendo projetos e atividades exitosas.

Os volumes **5- Da teoria à prática: jogos e TIC'S em contextos de práticas significativas de aprendizagem; 6 Da teoria à prática: Construindo sentidos a partir de práticas de letramento orais e escritos- construindo sentidos a partir de práticas de letramento oral e escrito** e o **7 Da teoria à prática: Educação, saúde e movimento-** foram destinados a temas voltados para a prática significativa de aprendizagem.

Já os volumes **8 Da teoria à prática: Desenvolvendo habilidades de leitura e escrita no Ensino Fundamental** e **9 Da teoria à prática: da formação do professor à prática pedagógica na aplicação do currículo e da avaliação**, desenvolvidos em 2021 deram continuidade a proposta de aliar a teoria à prática tendo como norte os temas leitura, avaliação e currículo.

Assim, convidamos a todos a passearem pela nossa coleção: Da teoria à prática e desfrutar de atividades realizadas por docentes que estão imersos no contexto de ensino-aprendizagem.

Tenham uma boa leitura e uma excelente prática pedagógica auxiliada pela mediação e a interação proposta pela obra.

Rosilene Felix Mamedes

Mestra em Linguística- PROLING-UFPB

Doutoranda em Letras- PPGL-UFPB

Diretora acadêmica da Contatos Empreendimentos Educacionais

04-12-2020

SUMÁRIO

GÊNERO NOTÍCIA E OS EFEITOS DE SENTIDO: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA DESENVOLVER COMPETÊNCIAS LINGUÍSTICAS COM ALUNOS SURDOS	8
Adilma Gomes da Silva Machado; Charlene de Lima Alexandre da Silva; Rosenice de Lima Gabriel; Rosilene Felix Mamedes	
CAMINHOS PARA IDENTIDADE DE CRIANÇAS SURDAS A PARTIR DE JOGOS PEDAGÓGICOS.....	18
Charlene Lima Alexandre	
A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DA LIBRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DA TEORIA A PRÁTICA.....	28
Rosenice de Lima Gabriel; Charlene de Lima Alexandre da Silva; Adilma Gomes da Silva Machado	
O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO ENSINO REMOTO E AS ESTRATÉGIAS QUE PODEM SER ADOTADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	36
Rosenice de Lima Gabriel; Charlene de Lima Alexandre da Silva; Adilma Gomes da Silva Machado	

GÊNERO NOTÍCIA E OS EFEITOS DE SENTIDO: ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA DESENVOLVER COMPETÊNCIAS LINGUÍSTICAS COM ALUNOS SURDOS

Adilma Gomes da Silva Machado¹

Charlene de Lima Alexandre da Silva²

Rosenice de Lima Gabriel³

Rosilene Felix Mamedes⁴

RESUMO

A educação inclusiva é uma modalidade de ensino que ao longo da sua história construiu leis, decretos, resoluções, entre outros. Tudo isso para fazer valer o direito as pessoas com deficiência, com isso os sujeitos com deficiência foram em busca de ações que garantissem esses direitos no dia a dia. Atualmente as propostas da educação inclusiva quanto a educação dos surdos, é clara que a LIBRAS é língua materna desses sujeitos, sendo assim, o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para os mesmos, no entanto, o que percebe é a escassez de material didático que venham contemplar as particularidades dos alunos com surdez. Assim, este artigo tem como proposta trabalhar com o gênero notícia de forma que venha respeitar as particularidades dos alunos surdos, para assim o ensino-aprendizado passar a ter efeito de sentido. Usamos como metodologia, estratégias didáticas a partir de imagens para desenvolver a escrita e consequentemente a competências linguísticas, levando em consideração os aspectos culturais dos alunos surdos. Assim, esperamos que esse trabalho tenha como resultado um ensino-aprendizado na sua íntegra e, buscamos base em teóricos que pudessem sanar essa lacuna.

Palavras-chave: Estratégias didáticas. Gênero Textual. Língua portuguesa. Sujeito Surdo.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Letras Libras da UNIASSELVI; Graduada em Letras Português pela FAFIT; Especialista em Ensino de Libras pela UNINASSAU (2018). É professora efetiva da Educação Básica II da Secretaria de Educação, Esporte e Cultura do município de Conde-PB, atuando na disciplina de Língua Portuguesa/Libras. E-mail: adilmachado@homail.com

² Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal - UFPB, Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE; Especialista em Libras pela Faculdade Faveni (2016) - Especialista em Educação Pobreza, Educação e Desigualdade social pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. É professora Intérprete de Libras pela Prefeitura Municipal do Ipojuca-PE e Coordenadora de Educação de Surdos em Jaboatão dos Guararapes-PE. E-mail: charlene.limaalexandre@gmail.com

³ Mestre em Linguística e ensino pela UFPB, com especialização em Libras e em Língua Portuguesa e formada em Letras Libras- UFPB. Atualmente é professora e intérprete de Libras. E-mail: rosenicelima@gmail.com

⁴ Mestra em Linguística- PROLING-UFPB. Doutoranda em Letras- PPGL/UFPB

Segundo a lei 10436/2002, art. 1º do Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é:

“a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.”

Próximo a completar duas décadas da lei que garante a regularização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), lei que veio garantir também a inclusão escolar dos alunos com surdez e junto com isso direito a uma educação que atenda suas necessidades de acordo com suas singularidades linguísticas. Sabemos que ainda são inúmeras as discussões em torno do processo educacional dos surdos, pelo fato desse processo está em desenvolvimento no que se refere ao atendimento educacional para só alunos surdos, mesmo que reconheçamos a quantidade de documentos que garante e orienta a efetivação do processo educacional desses sujeitos.

Contudo, foi pensando no desenvolvimento cognitivo dos alunos com surdez que surgiu a ideia de trabalharmos com o gênero notícia nas aulas de Língua Portuguesa como L2 para surdos, com o objetivo de despertar nos alunos a percepção dos efeitos de sentido que esse gênero tem. Sabemos da importância que tem as práticas de letramento para ajudar a compreender o processo de desenvolvimento da identidade de pessoas surdas. Segundo Fernandes (2006):

Ler envolve compreender, identificar o significado global do texto, situando-o em uma determinada realidade social, fazendo parte de determinado gênero discursivo e atribuindo relações e efeitos de sentido entre as unidades que o compõem. [...] Entendemos que dominar esse processo envolve elaborar hipóteses de leitura sobre o texto que nos oportunizam a reflexão, aguçam a curiosidade e nos desafiam à busca pelo acerto. Levantar hipóteses requer a associação com informações anteriores, a antecipação sobre o texto e a seleção de ideias principais que o texto veicula (Fernandes, p.14).

Sabemos que ao ensinar português como L2 na modalidade escrita, podemos planejar estratégias que venham a contemplar também o desenvolvimento do letramento dos alunos com surdez, assim os alunos surdos terão a oportunidade de ampliar sua variação linguística de acordo com o ambiente social, cultural, regional e históricos em que vive. Conhecendo e se apropriando de saberes e conhecimentos a partir das práticas

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Os surdos compreenderão com uma certa facilidade os discursos transmitidos pelos ouvintes de forma visual a partir do momento em que os mesmos estiverem expostos a um conhecimento prévio da cultura do ouvinte.

É pensando no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos que precisamos nos atentar na elaboração das práticas pedagógicas que devem ser pautados na experiência visual, como também na LIBRAS (considerando a língua materna dos surdos) e no trabalho com os gêneros textuais que circulam em seu meio social. Dessa forma, os alunos surdos poderão inferir sentidos do texto a partir das estratégias usadas durante a aula.

Usamos o gênero notícia nas aulas de Língua Portuguesa na perspectiva de desenvolver a consciência e competência comunicativa do aprendiz surdo, com isso focamos no ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita e os efeitos de sentido que o gênero notícia nos traz.

A convivência e relação com os vários grupos sociais, contribuem para que os sujeitos façam suas escolhas linguísticas, como também a formação de seus discursos. Por isso a importância de darem as crianças surdas o direito de contato com a sua língua: LIBRAS; assim quando essa criança chegar na fase de escolarização já têm vivências e percepções dos sentidos, como também de suas experiências de vida. Com isso ajudará na construção do conhecimento prévio de mundo, pois são fatores determinantes no momento em que utilizamos no processo de comunicação com os alunos surdos. Nosso sistema linguístico é ideologicamente estruturado e é utilizando esse argumento que Lakoff & Johnson, em 1980, defendem a ideia de que nós concebemos o mundo com base em nossas experiências corpóreas. Isso é refletido diretamente em expressões linguísticas cotidianas por nós utilizadas.

“Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam a também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com pessoas” (LAKOFF & JOHNSON, p.45-46, 2002).

De acordo com o escrito acima, ver-se a necessidade de pesquisarmos e aplicarmos novas práticas pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa como L2 para surdos, assim estaremos contribuindo de forma positiva no processo de desenvolvimento

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

da consciência e competência comunicativa do aprendiz surdo. Considerando as singularidades do sujeito surdo e as práticas pedagógicas que venham a atender o ensino-aprendizado dos surdos, podemos perceber que o letramento envolve não apenas o fato de aprender a ler ou decodificar o código da escrita, e sim na construção da identidade dos sujeitos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

São inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor. Muitos recursos surgem no dia-dia, quando o professor se vê diante de uma situação em que se faz necessário algum apoio material para que consiga alcançar, de forma eficaz, a compreensão da criança, ou para que a mesma consiga acessar o conhecimento de forma plena. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006 p.99).

Todavia, são vários os materiais que podem contribuir com a educação dos alunos surdos, um deles é o alfabeto manual que utilizamos com a finalidade de trabalhar a soletração. Mas os docentes podem aproveitar para trabalhar a escrita e o significado da palavra, assim, essa metodologia passa a ter sentido, contribuindo com a apropriação dos conteúdos transmitidos em sala de aula.

Esse artigo tem o objetivo de colaborar com a Educação Inclusiva dos surdos através de uma simples atitude por parte dos docentes, ao se pensar em um ensino acessível e, sobretudo humano. Com isso, pensamos em orientar os profissionais que estão envolvidos no processo de educacional dos surdos, sobre a importância de não apenas conhecermos a cultura de um povo, mas o mais importante: respeitá-la e valorizá-la.

Segundo Marcuschi (2002) a língua é uma atividade social e, por isso, a comunicação verbal só é possível por meio de um gênero textual. De acordo com o autor, os gêneros textuais são fenômenos históricos vinculados à vida cultural e social, que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas cotidianas. São caracterizados a partir de suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais e do domínio discursivo no qual são produzidos.

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

Assim, sabendo da importância da contribuição dos gêneros textuais nas práticas pedagógicas o presente trabalho buscou propiciar ao aluno surdo um ensino que tivesse uma estrutura que se aproximasse do seu dia a dia e promover reflexões e sentido acerca da estrutura da Língua Portuguesa como segunda língua.

Durante o processo de aprendizado da língua portuguesa na modalidade escrita, os alunos com surdez iniciam o contato com os aspectos estruturais da língua em estudo. A aquisição de uma segunda língua, faz-se necessário usar como base a L1, para a partir de aí conseguir um aprendizado do L2 com sucesso.

Com isso, trabalhamos com propostas de atividades da seguinte forma:

1. Apresentação dos gêneros textuais (através de imagens), para que os alunos surdos possam conhecer e se familiarizar com esse gênero:



Fonte: encurtador.com.br/isyHI



Fonte: encurtador.com.br/isyHI

Durante esse momento são discutidas várias questões sobre as funções desse gênero apresentado; **função social**; a sua identidade; qual a finalidade; como podemos utilizar; sua importância no dia a dia; entre outros.

É importante considerar que ao trabalhar com os gêneros textuais, tendo os alunos como o público-alvo, devemos apresentar a sua função quanto a valorização da língua e linguagem. Com isso, buscamos teóricos que nos desse base para que o ensino de Língua Portuguesa acontece de fato e, com isso os alunos surdos pudessem desenvolver suas competências linguísticas, textuais e comunicativas, para que, assim esses alunos pudessem serem incluídos de forma ativa durante o processo educacional. É de suma importância proporcionar um ensino que venha contribuir com o desenvolvimento dos sujeitos surdos para que assim esses sujeitos sejam protagonista; com capacidade para contribuir com o seu desenvolvimento no dia a dia, como também refletirem, questionarem pontos significativos do meio social em que vivem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: como ação comunicativa ou ação social, logo, **todo texto nasce de um intuito, de uma necessidade, pessoal ou coletiva**, por isso é essencial considerar esse elemento na análise dos gêneros.

Espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

Acreditamos que uma educação que investe na ética e no exercício da cidadania; quando os profissionais de educação entendem que a língua do sujeito faz parte do desenvolvimento comunicacional e intelectual e, que precisamos proporcionar atividades que respeitem as singularidades dos alunos, o aprendizado passa a ter efeito de sentido para os educandos.

2. Propor que os alunos compartilhem com os demais colegas, o que aprenderam, o que entenderam sobre o gênero apresentado. Nesse momento vivenciamos a troca de experiências em LIBRAS entre os estudantes surdos:



Fonte: encurtador.com.br/xyM29

Existir muitos mitos em relação aos alunos surdos, uma delas é a dificuldade de leitura e escrita. Mas sabemos que a parte intelectual dos surdos não é comprometida por causa da ausência da audição. O motivo da dificuldade que os alunos surdos apresentam durante as aulas se dá pela ineficiência dos métodos de ensino em sala de aula regular que tem alunos surdos. Esses métodos e estratégias são voltados para alunos ouvintes.

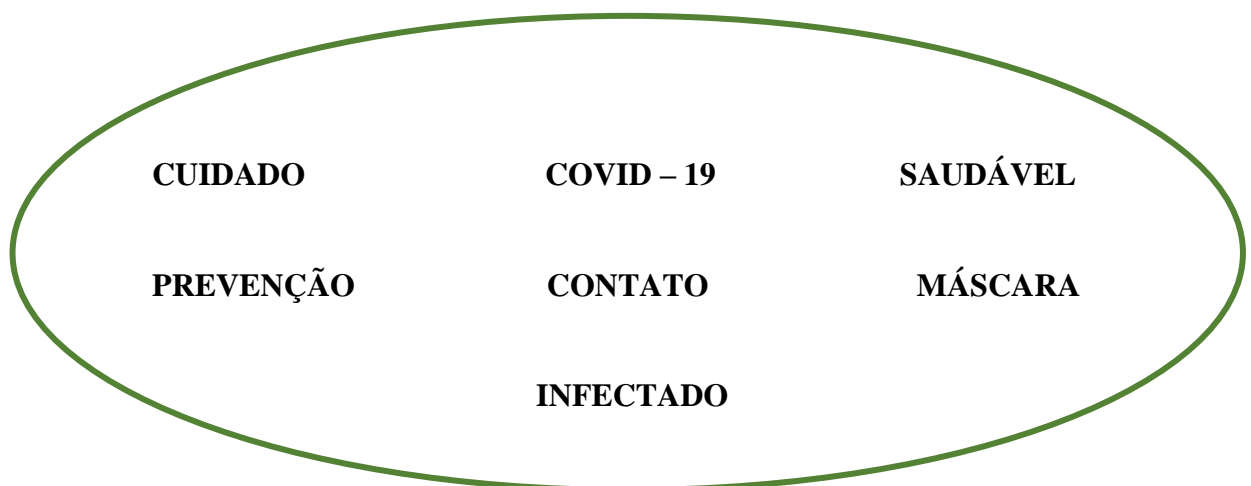
Sabemos que os surdos podem apresentar certa dificuldade em identificar o contexto em que determinada produção escrita é realizada, devido a pouca familiaridade com a língua portuguesa durante a escolarização. Sabemos que os alunos surdos quando são apresentados propostas de ensino que apresentam elementos visuais pertinentes ao texto exposto, com as características linguísticas presentes, terão condições de participar e fazer seu discurso de acordo com o conteúdo da aula, conduzido pelo professor, em

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes
 que o mesmo pode fazer as suas intervenções. Com isso, os alunos vão atuar de forma ativa durante as aulas e, isso é de suma importância para a compreensão do contexto.

3. Nesse terceiro momento, podemos trabalhar com propostas de atividades que levem os alunos surdos à desenvolver suas habilidades na modalidade escrita, como:



- a) Observe abaixo algumas palavras que aparecem no cartaz de informações acima. Retire e explique as palavras que você conhece e sublinhe as palavras que você não conhece para pesquisarmos juntos:



- b) Compartilhe com os colegas, quais foram as palavras que você encontrou:

- c) Se vocês conhecem:
- d) Dentre as palavras escolhidas, explicar a seus colegas qual o significado; se não o aluno desconhece a palavra encontrada, orientá-lo a pesquisar.

São vários os desafios encontrados no processo educacional dos alunos surdos; esses desafios podem ser minimizados com mudanças de atitude por parte dos docentes, como também toda a comunidade escolar. As propostas de educação quando trabalhadas de acordo com as particularidades do aluno, vem contribuir com o seu desenvolvimento intelectual, o aprendizado linguístico, cultural, identitária e social dos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno surdo, ao ser inserido em uma sala de regular, em que o público-alvo são os ouvintes; nesse ambiente serão expostas propostas de ensino para atender a maioria. Dessa forma os alunos surdos não serão contemplados ou, atendidos com o ensino que respeitem os seus aspectos relativos à sua identidade, cultura, processo linguístico, entre outros.

De acordo com o exposto acima, pensamos em trabalhar com propostas de atividades que venham contribuir com o ensino-aprendizado dos alunos surdos, uma delas são os gêneros textuais, já que eles têm suas funções sociais no nosso dia a dia. Os gêneros textuais ampliam as possibilidades de contribuir com o ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para os alunos com surdez.

Faz-se necessário se pensar em uma educação que privilegie o processo de formação dos sujeitos surdos, levando os mesmo a serem capazes de questionarem e, que os mesmos tomem atitudes significativas no mundo, mas, para que isso aconteça será necessário que proporcione uma comunicação acessível.

Assim, as propostas de trabalhar com gêneros textuais, parte de um caminho para o ensino de uma segunda língua, com o foco em uma educação que assegura o direito aos sujeitos surdos de um aprendizado com efetivação. Sabemos que nos dias atuais, em que grande parte das interações acontece através da escrita, por isso a importância de adquirir as habilidades dessa modalidade, em que promove a formação de indivíduos socialmente reflexivos, criativos e, conseqüentemente participativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13ª edição. Trad: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRASIL, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2005**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2015.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**

- Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental– Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998.

FERNANDES, S. (2006). **Práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED.

KARNOPP, L.; PEREIRA, M.C.C. **Concepções de Leitura e de Escrita na Educação de Surdos**. In: LODI, A.C.B.; HARRINSON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (orgs). *Leitura e Escrita no Contexto da Diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2006, 2ª edição.

KOCH, I.G.V. **Desvendando os Segredos do Texto**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

Marcuschi, L. A. (2002). **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: A. P. Dionísio et al (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

QUADROS, Ronice Müller de. **Idéias para ensinar português para alunos surdos / Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schmiedt**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, (2001, p. 11).

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, (2001, p. 11).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 2003, 128p.

CAMINHOS PARA IDENTIDADE DE CRIANÇAS SURDAS A PARTIR DE JOGOS PEDAGÓGICOS

Charlene Lima Alexandre

INTRODUÇÃO

Há anos a cultura e identidades de pessoas surdas são discutidas e difundidas por todos os lugares do Brasil, inclusive na escola, mas esta cultura e identidade se tratam das minorias, dentre elas está a língua falada pelos surdos, por ser uma língua de poucos, mesmo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentando um número de mais de 10 milhões de pessoas nessa situação.

Pessoas que vivem em identidades locais, várias minorias, sejam elas, étnicas, religiosas, raciais, são as que mais se apresentam no Brasil, aqui, quanto mais você se distanciar de um padrão imposto pela sociedade como falar a mesma língua ou possuir uma cor de pele diferente, já se concretizam formas de preconceitos e estereótipos, um conjunto de regras que todos devem seguir para não ficar para trás, mas há muito tempo isso vem mudando.

A identidade de uma pessoa surda, também perpassa pelas questões de cultura e de um imaginário social, mas para PERLIN, 1998, p. 52. “a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições. “

Diante do exposto foi discutido como trabalhar nas escolas com crianças surdas do Infantil III que ainda não tiveram sequer um contato com sua língua materna, neste caso a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e como incluir esses alunos de forma satisfatória em sala de aula, já que pertencem a uma minoria escolar e que falam uma língua própria?

Uma das sugestões foi a construção do jogo pedagógico voltadas para a Libras pensando em trabalhar a questão da identidade e do pertencimento a uma comunidade linguística diferente, porém não menos importante, assim foram traçados objetivos para elaboração dos jogos pedagógicos para crianças surdas numa sala de aula inclusiva, a fim de estreitar os laços com os discentes e estimular o brincar.

Para Piaget, (1975, p. 370) “A construção desse universo ilusório e imaginativo não emerge, entretanto, de motivações prazerosas e individuais, como suspeitou é a

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

própria condição social da criança que a motiva em querer participar e entender o mundo da cultura, fazendo-a reproduzir, criando, aspectos desse real nas brincadeiras.

Jogos pedagógicos que apresentam sinais básicos na Libras e imagens como: vogais, pareamento, associação, todos confeccionados com o intuito de trazer ao estudante surdos a aquisição de linguagem.

Quanto à aquisição da Língua de Sinais GOLDFELD, 2002, p. 172, afirma que:

Na maioria das vezes, ocorre de forma tardia, pois os surdos, em sua maioria, são filhos de pais ouvintes, (95% aproximadamente). Uma vez que os pais não têm contato com essa língua, se torna mais difícil a aquisição da linguagem favorecida pela dimensão visual e espacial para a criança surda. Desse modo ela terá frequentemente problemas sociais, emocionais e cognitivos como consequência.

Pensando nessas questões foram escolhidos os jogos para a relação de amizade, interação social com outras crianças e o aprendizado que sua língua materna na mesma sala de aula com outras crianças para diminuir questões voltadas para o psicológico e aprendizado, mas então chegou a pandemia com o novo coronavírus e a Secretaria de Educação do município de Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco, decidiu continuar este mesmo processo de aquisição da língua de cinco estudantes surdos, enviando jogos pedagógico para a escola desses estudantes e sendo entregue à família para brincar e aprender cada um na sua residência. Os jogos ganharam um sentido novo para a relação do discente e família.

Os objetivos desses jogos pedagógicos são I- Facilitar e enaltecer a cultura e identidade surda tendo em vista a aquisição da língua pelas crianças surdas; II- Investigar se esses jogos pedagógicos, de fato, ajudam na aquisição de uma língua, como proposto; III- Pesquisar as contribuições do brincar, a partir dessa nova perspectiva de jogos, já que eles são jogos de criação; IV- Mensurar a relação dos pais com o filho através desses jogos.

É evidente que, além de ajudar no cotidiano, os jogos pedagógicos são uma maneira lúdica e divertida de trabalhar cultura, identidade, relação com o outro, ao brincar, a criança parece interpretar a vida através de uma ação criadora. Nesse contexto, ela expressa ludicamente a forma como a cultura a afeta e a constitui, indicando a dimensão afetiva constitutiva do faz-de-conta e ainda há a possibilidade do aprendizado de uma língua e interação familiar.

MARCO TEÓRICO

A educação inclusiva é desafiadora para aqueles que se engajam em desenvolver um trabalho de qualidade, nesse sentido é importante discorrer sobre a quebra de barreiras e entraves para que a inclusão de fato ocorra. Desta feita, para que isto seja possível é importante destacar o que versa a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência nº. 13.146/2015.

A referida Lei diz que é devido assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para pessoas com deficiência, visando à inclusão social e exercício pleno da cidadania. Outro aspecto que a Lei aponta diz respeito à adoção de medidas individuais e coletivas em ambientes que possam maximizar o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, para que sejam favorecidos o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem desses estudantes em instituições de ensino.

Sobre a defesa da educação inclusiva, que implica em mudanças estruturais, SASSAKI (1998, p. 8), afirma que:

Educação inclusiva é o processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade.

O acolhimento dos estudantes com deficiência deve ser feito sempre no intento de acolhê-los integralmente, com a finalidade de promover o melhor acesso à educação. Tendo isso em mente, em 20 de dezembro de 2017 o Ministério da Educação e Cultura (MEC) lançou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este documento normativo serve como referência para a elaboração de currículos escolares, além de normatizar as expectativas de aprendizagem necessárias a todos os estudantes brasileiros.

Durante a permanência na Educação Básica, de acordo com o disposto pelo BNCC, todos os materiais pedagógicos devem ser adaptados às necessidades dos estudantes, e isso também se estende à pessoa com deficiência, inclusive à pessoa surda. Para MANTOAN (2004, p.7), “a escola tem compromisso primordial e insubstituível,

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

introduzir o aluno no mundo social, cultural e científico: todo ser humano, incondicionalmente tem direito a essa introdução”. Assim, adaptar recursos pedagógicos durante o período de ensino remoto se fez e faz fundamental para o desenvolvimento dos alunos surdos. Pois, somente com a adaptação, a escola cumpre seu compromisso primordial.

Ainda nesta linha, a Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação de nº. 9394/96, em seu art. 1º, inciso I, sinaliza que deve ser considerado no processo de ensino de estudantes com deficiência, um “currículo, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender suas necessidades”. Visando esse propósito, este projeto visa oferecer alternativas que viabilizem garantir o direito de aprender aos estudantes surdos que necessitam ter as particularidades da língua materna, a Libras, consideradas durante sua formação escolar.

Desta feita, a inclusão de pessoas surdas, o desenvolvimento do processo educacional delas, deve ser visto de maneira distinta da dos demais estudantes, pois estamos tratando com pessoas que utilizam como base de aprendizado outra língua para se comunicar, a Libras. A Lei nº 10.436/2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como meio legal de comunicação e expressão da população brasileira surda. Reconhece também que o sistema linguístico da Libras, de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Dito isto, HONORA (2014, p. 94) afirma que “é importante que o espaço em que o aluno com surdez esteja inserido seja bilíngue, ou seja, na Língua de Sinais e na Língua Portuguesa, de preferência em sua forma escrita”. Os alunos surdos possuem, como característica indissociável do seu processo de aprendizagem, a referência da Libras como língua materna. Assim, é necessário considerar, no processo de ensino, que tais estudantes possuem também uma maneira distinta de compreender o mundo e de se colocar neste mundo.

O Decreto de nº. 5.626/2005 regulamenta, no art. 26, além do direito à da tradução e interpretação, o uso e a difusão da Libras no âmbito do Poder Público, de empresas concessionárias de serviços públicos e dos órgãos da administração pública federal, direta e indireta. No entanto, as lacunas sociais e políticas ainda atravancam o cumprimento efetivo do ordenamento jurídico brasileiro, refletindo no âmbito público da educação, impedimentos interpessoais, comunicativos e pedagógicos, impossibilitando a

consolidação de práticas inclusivas. Aponta-se, como um dos maiores problemas para a efetivação dessa inclusão, a não utilização da Libras como língua primeira para os surdos e a não difusão desta como instrumento de inclusão de toda a comunidade escolar.

Sobre identidade os autores (STROBEL, 2008; PERLIN, 2003, 2005; SKLIAR, 1999a, 1999b, 2000, 2005; ASSIS SILVA, 2012) denominam de identidade surda, isto é, um conjunto de características próprias a esse surdo. Essa identidade surda, ao mesmo tempo em que nutre, reforça concomitantemente uma memória própria ao grupo.

Alguns autores como BORDENAVE; PEREIRA (1982, p.10) versam sobre o processo ensino-aprendizagem como caminho para que o aluno passe da teorização para a síntese e entenda, o que equivale à compreensão. Neste sentido, Vygotsky (2000, p. 191) defende que:

O conceito de heterogeneidade dos processos humanos, defendendo o direito que o surdo tem, como qualquer ser humano, de conviver com o outro num contexto social heterogêneo, através das relações harmoniosas e das interações sociais, criticando a uniformização deles para os processos de instrução, toda etapa de desenvolvimento humano tem que passar pelo processo das relações sociais humanas. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de toda criança surda deve ser compreendido como processo social, e suas experiências de linguagem concebidas através de suas relações com a cultura e nas interações com o outro.

O uso recorrente de jogos pedagógicos se dá pela escassez de materiais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos estudantes surdos. Por isso, a preocupação em ter materiais lúdicos, de fácil compreensão e que aguce a curiosidade dos estudantes surdos é fundamental para que possam aprender de forma divertida e prazerosa. Segundo PIAGET (1975, p.158), “o jogo é a elaboração de conhecimento, com o acréscimo de se poder retirar prazer a partir do ato de jogar. Os alunos podem ser estimulados a potencializarem a sua inteligência e o espírito de iniciativa, dando resposta à sua curiosidade”. Assim, fica evidente que, em sala de aula, os jogos e atividades lúdicas, adequadas à faixa de desenvolvimento do grupo de alunos é de máxima importância e eficácia no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias.

De acordo com KISHIMOTO (2003, 46 e 47), também defensor do uso de jogos como recurso para o ensino: “jogar com a realidade” significa que o jogo simbólico constitui a base da aquisição de conhecimento e da construção do próprio pensamento. Na educação infantil, o mesmo autor (1993, p.125), defende que o jogo é também, parte do processo metafórico no qual se compreende a expressão “jogo educativo”. O

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

brinquedo denominado quebra-cabeça, torna-se um jogo educativo quando se associa ao ensino.

Os indivíduos que têm melhor desempenho escolar demonstram mais habilidade na aprendizagem da modalidade escrita da língua oral, além do bom relacionamento social e afetivo; enquanto o surdo, filho de pais ouvintes, devido à falta de interação na comunicação, em língua materna (Libras) ou em língua portuguesa, apresentam mais dificuldades, o que acarreta distorções de aprendizagem e de sentidos socioculturais. Para KISHIMOTO (1992 p. 124) “aprendizagem da língua materna é mais rápida quando se inscreve no campo lúdico. A mãe, ao interagir com a criança, cria um esquema previsível de interação, que serve de microcosmo para a comunicação e o estabelecimento de uma realidade compartilhada”. Ou seja, a interação da criança surda, que desde o convívio familiar é tolhida pela ausência total ou parcial de estímulos em Libras, torna seu desenvolvimento escolar e social um processo mais tardio.

Diante das explicações possíveis faz-se necessário se debruçar sobre os jogos pedagógicos e outras estratégias metodológicas de todo modo, consideramos que, para promover ao surdo a inclusão dentro da sala de aula de forma atrativa, diminuindo assim possíveis barreiras existentes no processo de ensino-aprendizagem, nós profissionais da área temos o dever de recorrer às possibilidades disponíveis para uso.

PROPOSTA PARA USO DOS JOGOS

Os jogos são confeccionados para estudantes surdos da Educação Infantil no município de Jaboatão dos Guararapes que estão envolvidos no processo de aquisição da linguagem, inseridos no universo surdo da Língua Brasileira de Sinais, assim a ideia de jogos pedagógicos para estimular a aprendizagem no período pandêmico.

Seguem abaixo Jogos confeccionados para estimular o aprender e o brincar:

JOGOS USADOS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL



JOGO DAS VOGAIS

JOGO CONTÉM: 15 peças (3 peças por vogais)

Imagem:

<https://www.canstockphoto.hu/illusztraciok/simah%C3%A9j%C3%B4A-%C5%91szibarack.html>

SUGESTÕES PARA USO: Este jogo de quebra-cabeça irá auxiliar no contato e aprendizado das letras, em especial, das vogais.

- *Separe as peças das vogais correspondentes de forma que fique de fácil acesso para a montagem.
- *Mostre para ele a letra A em Português e busque sinalizar em Libras.
- *Pegue a mão dele e mostre o sinal da letra correspondente.
- *Após monte o quebra cabeça com ele, pedindo que ele monte posteriormente sozinho.
- *Fazer as demais coisas com as outras vogais.

PONTOS IMPORTANTES TRABALHADOS COM ESSA ATIVIDADE: Identificar as vogais; Estabelecer a relação/ correspondência vogal e o sinal em Libras; Possibilitar o desenvolvimento das percepções visuais, auditivas e sensório-motoras; Estimular a formação do conceito de vogal; construir noções de comparação. Desenvolver a atenção e o pensamento lógico e a coordenação motora, concentração, motricidade, memorização.



Imagem:

<https://www.canstockphoto.hu/illusz>

JOGO DA TARTARUGA

JOGO CONTÉM: 1 cartela com 1 animal.

SUGESTÕES PARA USO: Este jogo irá auxiliar no contato e aprendizado do sinal de animal.

- * Com ajuda de um adulto vamos montar o animal, pedir à criança que observe, memorize, manuseie e assim desfaz o quebra-cabeça, depois pede a criança para montá-lo.

*Pegue as peças que compõe a montagem do quebra-cabeça do animal. Peça que ele sinalize (da forma dele) o animal que está visualizando.

PONTOS IMPORTANTES TRABALHADOS COM ESSA ATIVIDADE Estabelecer a relação/ correspondência vogal e o sinal em Libras; Possibilitar o desenvolvimento das percepções visuais, auditivas e sensório-motoras; Estimular a formação do conceito de vogal; construir noções de comparação. Desenvolver a atenção e o pensamento lógico e a coordenação motora, concentração, motricidade, memorização.



Imagem:
<https://www.canstockphoto.hu/illus>

JOGO DE FÉRIAS

JOGO CONTÉM: 1 cartela com 4 peças.

Este jogo irá auxiliar no contato e aprendizado do sinal de férias em Libras.

SUGESTÕES PARA USO: * Separe as peças do quebra-cabeça com o tema “férias”;

*Pegue a as peças individualmente e mostre à criança, se possível.

*Solicite à criança que coloque as peças do quebra-cabeça e monte.

PONTOS IMPORTANTES TRABALHADOS COM ESSA ATIVIDADE Aprender o sinal de férias em Libras; Observar as imagens de crianças em férias; Possibilitar o desenvolvimento das percepções visuais, sensorio-motora; construir noções de comparação. Desenvolver a atenção e o pensamento lógico e a coordenação motora, concentração, motricidade, memorização.

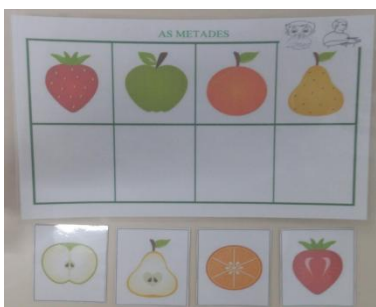


Imagem:
<https://www.canstockphoto.hu/illus>

JOGO METADE DAS FRUTAS

JOGO CONTÉM: 1 cartela 5 peças (com velcros)

SUGESTÕES PARA USO: Este jogo da memória irá auxiliar no contato e aprendizado das frutas.

*Separe a cartela e as metades das frutas de forma que fique de fácil acesso para a montagem;

*Mostre para ele a cartela com as imagens das frutas;

*Após mostre a ele com ele a metade da fruta e peça para ele identificar a metade;

*Peça que ele coloque no local certo posteriormente sozinho.

PONTOS IMPORTANTES TRABALHADOS COM ESSA ATIVIDADE: Identificar as frutas; Estabelecer a relação/ correspondência da fruta e a sua metade; Possibilitar o desenvolvimento das percepções visuais e sensorio-motoras; Estimular a formação do conceito de frutas; construir noções de comparação. Desenvolver a atenção e o pensamento lógico e a coordenação motora, concentração, motricidade, memorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ebook objetiva contribuir com as necessidades educacionais dos alunos com surdez na perspectiva do bilinguismo – Libras e Língua Portuguesa- a fim de oferecer aos professores deste público matérias para a sua prática no ensino aprendizagem de seus educandos.

Sabemos que nos tempos atuais, a educação de Surdos ainda é um desafio a ser vencido pelo sistema educacional brasileiro. No Brasil, em si tratando da educação de pessoas Surdas, temos um considerável amparo legal que dão subsídios a esta educação, a exemplo da lei de Libras sob número 10.436/02 e seu decreto nº5.626/05 que dentre outros pontos reconhecem a Libras como língua e a institui como disciplina, a Lei Diretrizes e Bases da educação 9394/96 em seu art 59 que orienta a estabelecimento de normas do sistema de ensino para o funcionamento das escolas, afim de que possam elaborar um projeto político-pedagógico e disponham de professores capacitados.

Nesta perspectiva, no ano de 2020 os surdos brasileiros tiveram mais uma significativa conquista que foi o decreto 10.502/2020, o qual dentre outros pontos, prevê o ensino pensado na pessoa surda e o que permeia esta educação, ou seja, a língua. Nesta modalidade de educação destinada a este público, a Libras e a língua portuguesa, estão inclusas na modalidade bilingue, ou seja, a Libras como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua.

Reconhecemos a importância de todo amparo legal voltados para a educação de surdos, porém na prática, os recursos didáticos para o ensino da Libras ou da língua portuguesa para surdos, ainda são exíguos. E, pensando nisto, este material visa de contribuir os professores envolvidos nesta educação favorecendo o processo ensino aprendizagem do educando surdo, através de materiais bilingues Libras-língua portuguesa com sugestões de atividades sequenciadas voltadas para a educação de pessoas surdas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 23/12/2020.

_____, MEC. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** nº 13.146, de 6 de jul. de 2015. Acesso em 28/12/2020.

_____, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação** nº 9394/96. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, **que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Acesso em 27/12/ 2020.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

HONORA, Márcia. **Inclusão Educacional de Alunos com Surdez: Concepções e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 94.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, a criança e a educação. Tese de Livre-docência apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**. São Paulo: 1992.

_____, **O Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis; Vozes, 1993.

_____, **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Caminhos Pedagógicos da educação Inclusiva. Caminhos Pedagógicos da educação Especial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.7.

PERLIN, G. **Identidades surdas. In: SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e som, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. P. 370.

STRÖBEL, Karin Lilian. **História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas**. QUADROS, Ronice Müller e PERLIN. Gladis (organizadoras) Estudos Surdos II /. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

A FORMAÇÃO DOCENTE E O ENSINO DA LIBRAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: DA TEORIA A PRÁTICA

Rosenice de Lima Gabriel⁵

Charlene de Lima Alexandre da Silva⁶

Adilma Gomes da Silva Machado⁷

RESUMO

A Libras é uma língua com todas as propriedades de uma língua natural. Neste sentido, no âmbito educacional, quando o indivíduo é surdo, esta língua representa a chave de acesso ao mundo das informações. Entender as especificidades linguísticas que envolvem esta língua necessita que os professores reexaminem os fundamentos teórico-metodológicos que tem, assegurando a escola garantir currículos, técnicas e mecanismos especiais para assistir ao alunado em suas particularidades. Este trabalho teve o objetivo geral de refletir sobre a formação docente e o ensino da Libras em tempos de pandemia. Como resultados, destacamos que, no que diz respeito à língua de sinais, que se faz necessário uma formação docente e que este a use adequadamente para os objetivos de ensino. Os tempos de pandemias exigiu que o professor se reinventasse suas práticas. Neste sentido as novas tecnologias podem favorecer o ensino da Libras na modalidade remota em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Segunda Língua. Língua Portuguesa. Surdez. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar tem como função desenvolver estratégias para o aprendizado e a interação social entre os alunos. Um lugar onde o indivíduo inicia sua trajetória de conhecimento e construção, enquanto homem histórico-social. É inegável que possam existir obstáculos no percurso, mas é inaceitável que estes venham a atrapalhar o desenvolvimento mútuo da sociedade escolar ou de apenas parte dessa conjunção.

A falta de acessibilidade ainda é um dos obstáculos mais corriqueiros nas instituições de ensino, mesmo sendo uma problemática assegurada por lei que garante

⁵ É mestre em Linguística e Ensino pela UFPB, com especializações nas áreas de Libras e de Educação Inclusiva. É formada em Letras Libras- UFPB e Graduada em Língua Portuguesa. Atualmente é professora e intérprete de Libras. E-mail: rosenicelima@gmail.com

⁶ Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal - UFPB, Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE; Especialista em Libras pela Faculdade Faveni- Especialista em Educação Pobreza, Educação e Desigualdade social pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: charlene.limaalexandre@gmail.com;

⁷ Graduanda do Curso de Letras Libras da UNIASSELVI; Graduada em Letras Português pela FAFIT; Especialista em Ensino de Libras pela UNINASSAU E-mail: adilmalibrasp@gmail.com

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes
que a pessoa surda goze dos mesmos direitos que os demais da comunidade escolar.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996 contribuíram para que as escolas brasileiras abrissem as suas portas para as pessoas com deficiência. Desse modo as escolas de ensino regular começaram a receber matrículas destes estudantes.

No entanto se faz necessário refletir sobre a formação e o conhecimento de um ator principal neste processo: o professor.

Diante disto, o presente artigo tem como objetivo geral refletir sobre a formação docente para o ensino da Libras e o ensino da mesma em tempos de pandemia. A metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa, baseado em um estudo descritivo exploratório.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

O ato de aprender é um expoente muito discutido principalmente da seara escolar. Neste sentido a aprendizagem seria um conjunto de atividades conscientemente organizadas por alguém que já tem esse conhecimento, com o objetivo de que tenha um tipo de compreensão do indivíduo.

No entanto, o processo de aprendizagem do aluno depende do modo de ensino que o seu professor lecionou nos anos de formação, o que envolve diversos tipos de metodologias de ensino diferentes, cujo processo é extremamente complexo, e, várias vezes, é preciso muita criatividade por parte do docente.

É comum que nem todos os alunos consigam obter a mesma quantidade de conhecimento em uma aula, pois os alunos têm um modo diferente de aprendizagem e estudo, sendo influenciados por sua cultura e modo de criação.

A esse respeito, Celani (2004, p. 114) afirma que:

a experiência mostra cada vez mais que os alunos provêm de culturas diversas, na vida cotidiana e em seus hábitos de aprendizagem e trazem expectativas diversas. Essas diferenças culturais devem ser respeitadas e levadas em conta no trato e nas exigências.

No processo de formação do professor, este precisa enfrentar muita pressão, pois quando algum aluno não consegue entender a sua metodologia de ensino, isto requer que o professor reveja o modo como está ensinando, afim de achar algum outro método para ensinar o seu conteúdo com mais facilidade de absorção.

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

Sabemos que o aluno é subjetivo, assim como a sua forma de aprender. No que se refere a Libras, conforme Quadros e Karnopp (2004), é uma língua natural, e, também, muito complexa como todas as outras línguas, surgindo por causa da necessidade comunicativa da comunidade linguística. Diferente das maiorias das línguas que são orais-auditivas, a Língua Brasileira de Sinais, é um modo de se expressar que não depende da fala oral, sua produção e percepção é de modalidade visual espacial.

Essa língua, não condiz a movimentos soltos como mímicas ou tentar passar as mensagens das palavras por algum tipo de gesto, tendo em vista que essa língua possui uma estrutura gramatical própria e independente das línguas orais.

A Libras é legalmente reconhecida no Brasil por meio da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2012 e pelo Decreto nº 5.626 de 22 determinando que: “a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior”.

O que representa uma importante conquista tanto para a população surdas que terão professores conhecedores de sua singularidade linguística, quanto para os docentes que terão a oportunidade de conhecer este universo.

Com base neste decreto supracitado, os profissionais que devem ensinar a Libras são os que tem os seguintes perfis profissionais conforme os níveis de ensino:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.
BRASIL, DECRETO DA LEI DE LIBRAS 5.626/05

A formação docente para o ensino da Libras é fundamental, seja em que níveis esta possa atender, pois esta língua requer um profissional habilitado como em qualquer outra profissão.

Quando esta é ofertada como segunda língua, este profissional seja surdo ou ouvinte, deve estar ciente de seu papel e com a didática necessária para contribuir com a absorção do ensino de Libras, o conhecimento do surdo pela sua cultura, uma vez que esta contribui com a compreensão de fenômenos linguísticos manifestas por seus falantes nativos.

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

Para o educando surdo, a porta de entrada no conhecimento é a sua língua, neste sentido, caso não seja disponível a acessibilidade em Libras, este pode ficar prejudicado no âmbito acadêmico e o seu acesso a educação pode ser prejudicado conforme podemos ver abaixo:

ESCOLARIDADE DOS SURDOS



Fonte: <https://esquerdaonline.com.br/2020/07/02/inclusao-nao-e-so-divulgacao-contra-a-exclusao-do-curso-de-letras-libras-da-ufjf/>

É importante para toda a sociedade o estudo da linguística, pois a língua é o método mais eficiente para se comunicar entre todos, por tal motivo, o ensino das diferentes línguas é extremamente necessário e eficiente.

É de extrema importância que a Língua de sinais receba a divulgação e propagação que merece, principalmente nas universidades, sendo eficiente a inclusão de uma aula especificamente para a Libras, envolvendo comunicação.

Conformes vimos discutindo, a metodologia de ensino e aprendizagem da língua é que influencia na eficácia da absorção do conhecimento, sendo preciso certa sincronia com a sua cultura. Portanto, é de total precisão que se entenda que aprender uma língua não é algo impossível, a única diferença que separa a Libras das demais línguas é a sua modalidade.

Nos cursos de nível superior a disciplina de Libras não tem uma carga horária muito grande e, também, os professores especializados diante da autonomia docente, desenvolvem seus métodos para o ensino de modo que as aulas sejam ministradas com

bastante eficiência e de fácil absorção do conhecimento para todos. Neves (2011) assevera que:

As aulas de LIBRAS propriamente – ensino da língua – variam muito de acordo com o professor, mas em geral, seguem-se metodologias de ensino que são próprias para o ensino de línguas orais e não para línguas sinalizadas especificamente. Para que cursos de LIBRAS não sejam só oferecidos a fim de cumprir a lei, é necessário não apenas rediscutir o processo de formação do professor/ instrutor surdo, mas também refletir sobre as metodologias de ensino da LIBRAS. (NEVES, 2011 p.4).

Acreditamos que seja o curso de Libras, ou a disciplina Libras, não deve ser ofertada apenas sob a ótica de quem quer cumprir a Lei. Mas, sobretudo, pelo olhar de quem vai falar uma língua onde seus nativos fazem parte de um grupo minoritário historicamente excluído.

Isto posto, transmitir estes aspectos aos aprendizes ouvintes ou trazer estes pontos para discussão com as pessoas surdas, pode propiciar aos primeiros consciências de mais que o aprendizado de um idioma, eles terão um papel linguístico e social, já aos segundos o direito de apropriação cultural, identitária e linguística.

Para muitos surdos a Libras é a sua língua materna, cabe ao professor formular metodologias que favoreçam esta aquisição, podendo os mesmos contemplar em suas práticas estratégias visuais.

No âmbito atual, está sendo bastante empregado aqui no Brasil o bilinguismo, como um dos métodos mais eficazes e adequados para que consiga cada vez mais se desenvolver a educação do surdo, e, também, incluindo a pessoa com deficiência auditiva.

É importante que a língua de sinais e, também, toda a cultura da pessoa com surdez seja respeitada. Sendo necessário a compreensão de alguns papéis. A inserção de um intérprete dentro da sala de aula desempenha o papel de facilitador da comunicação.

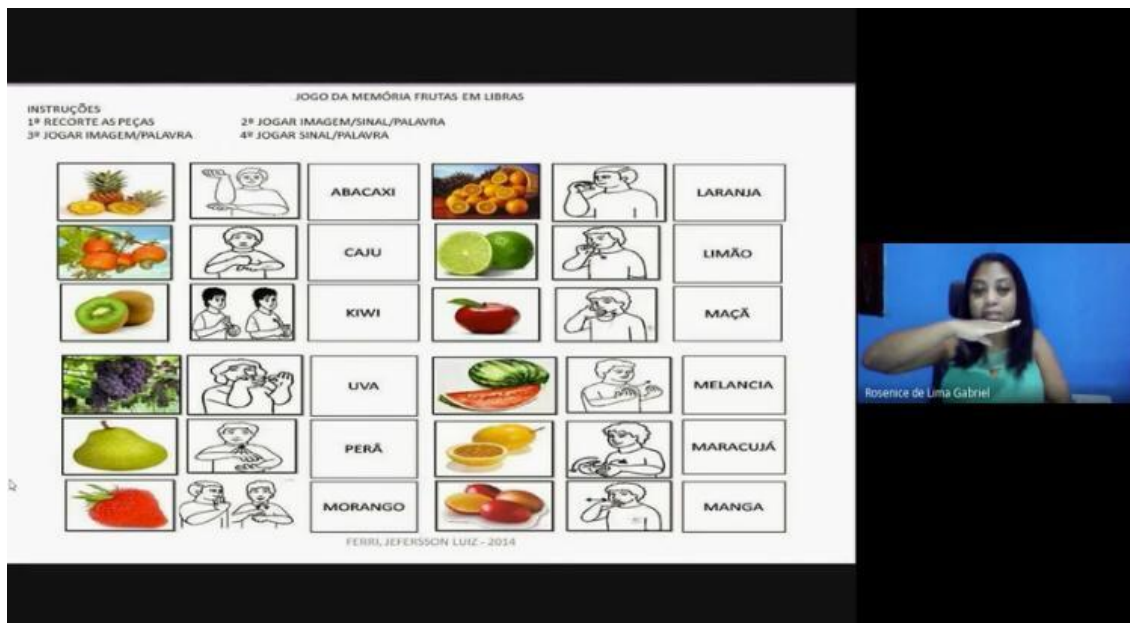
Já o professor precisa entender que seu papel enquanto facilitador de conhecimento para o entendimento, nesse sentido o educando surdo é seu aluno, e cabe ao mesmo desenvolver estratégias de ensino aprendizagem pautados no princípio da equidade.

DA TEORIA A PRÁTICA DO ENSINO DA LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

Sabemos que a Libras tem modalidade visual espacial. Neste sentido, enquanto docente desta língua trabalhar aspectos que condizem com esta característica é fundamental.

Para fundamentar esta máxima trago exemplo de estratégia didática pautada na visualidade, que pode ser destinada para o ensino da Libras como primeira língua(L1):



Fonte da imagem: <https://br.pinterest.com/pin/693906255060665153/>
Crédito: Vídeo aula da autora

Como podemos ver, a autora utilizou para o ensino da Libras, um material multimodal que contempla imagens, sinais e palavras na língua portuguesa. E, para sistematizar o conhecimento, a autora utilizou um vídeo para que sua produção de sinais e assim os alunos pudessem acompanhar a aula a ser postada em grupos de WhatsApp no qual a mesma leciona em tempos de pandemia.

Como devolutiva e meio para avaliar o aprendizado, a autora solicitou que os alunos formassem frases com os conteúdos e as devolvessem através de vídeo neste aplicativo.

CONCLUSÃO

Mesmo fora do tempo de pandemia, o professor sempre foi desafiado a buscar instrumentos que viabilizassem o aprendizado por parte de seus alunos. Existindo na

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

escola um aluno com surdez, este deve proporcionar adequações necessárias para viabilizar o aprendizado desse aluno.

Diante do isolamento social, face a pandemia do COVID-19, o ensino remoto se tornou uma realidade em todos os níveis de ensino, inclusive no ensino fundamental I.

No que diz respeito às escolas inclusivas se pressupõe que todos aprendem juntos, quaisquer que sejam as suas modalidades de ensino os necessidade educacional do aluno.

Porém, essas conjecturas em relação ao processo de ensino aprendizagem necessitam que a escola contemple em seus métodos, o fato das especificidades de seus alunos, inclusive os que possam apresentar algum tipo de deficiência.

Não obstante, para incluir esta público com surdez, é necessário uma configuração para as salas de aula, sejam elas presenciais e no momento virtuais, de modo que o estudante surdo possa contar com não apenas com a acessibilidade através do interprete de Libras, mas sobretudo com aulas que sejam também pensada nas suas especificidades linguísticas e culturais.

Deste modo, nas escolas inclusivas é preciso reconfigurar o papel dos educadores envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem, no sentido de que estes devem abstrair o conhecimento científico relacionado à surdez, buscando em suas práticas contemplar o ensino voltado para este aluno.

Nesse aspecto, se deve procurar garantir o direito ao surdo de ter acesso ao conhecimento. Pois, como vimos discutindo a Libras caracteriza a primeira língua do surdo e assim através da aquisição da mesma, ele pode ter acesso a informação, ao ensino, bem como pode expressar-se.

Evidencia-se que o professor tem um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo para a aquisição de sua primeira língua, onde o seu ensino deve contemplar a visualidade que a língua requer para que assim o aluno possa absorver esta língua.

Para a inclusão escolar do aluno surdo acontecer, dificuldades e desafios deverão ser transpostos, principalmente quando refletimos acerca do âmbito escolar, sendo necessário que esta esteja preparada para discernir alguns valores, dentre eles o de língua e cultura deste povo.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 06 Jun. 2021.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 06 jun. 2021.

CELANI, Maria Antonieta. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada.** Linguagem & Ensino, v. 8, n. 1, p. 101-122, Pelotas, jan./jun. 2005.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ROSA, Andre da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Campinas, SP: Ed. Arara Azul, 2005.

NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes.** 2011. 128p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2011.

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS NO ENSINO
REMOTO E AS ESTRATÉGIAS QUE PODEM SER ADOTADOS NO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Rosenice de Lima Gabriel⁸

Charlene de Lima Alexandre da Silva⁹

Adilma Gomes da Silva Machado¹⁰

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, é uma língua natural onde sua natureza é de modalidade gestual visual. Esta Língua é reconhecida por lei desde 24 de abril de 2002, através da Lei nº 10.436, que declara a mesma como língua da comunidade surda. Por outro a língua portuguesa contraiu-se uma disciplina curricular obrigatória. A Libras é a primeira língua das pessoas surdas, sendo, portanto, a chave para o processo de ensino aprendizagem destas pessoas. Neste sentido, este artigo tem como objetivo geral analisar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para pessoas suas e as algumas estratégias de ensino da mesmas que podem ser adotadas pelo professor para favorecer o aprendizado do aluno surdo no ensino remoto. Para consubstanciar a investigação, utilizamos metodologicamente os procedimentos da pesquisa qualitativa aliada a uma revisão bibliográfica. Quanto aos resultados, constatamos que o aluno surdo deve ter o direito do professor elaborar estratégias que possibilitem que esse estudante aprenda a língua portuguesa, respeitando-se o direito linguístico do mesmo face a inclusão.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Surdos. Estratégias. Ensino. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo a sociedade busca por igualdades de direitos, onde os grupos minoritários por vezes têm liderado esta busca, sejam eles compostos por pessoas que lutam por igualdade de direitos na esfera de gênero, cor, raça ou com as pessoas com deficiência. Especificamente sobre as pessoas com algum tipo de deficiência, a história nos mostra que por muito tempo foram claramente rotulados e excluídos da sociedade.

⁸ É mestre em Linguística e ensino pela UFPB, com especialização em Libras e em Língua Portuguesa e formada em Letras Libras- UFPB. Atualmente é professora e intérprete de Libras. E-mail: rosenicelima@gmail.com

⁹ Graduada do Curso de Letras Libras da Universidade Federal - UFPB, Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE; Especialista em Libras pela Faculdade Faveni - Especialista em Educação Pobreza, Educação e Desigualdade social pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: charlene.limaalexandre@gmail.com

¹⁰ Graduada do Curso de Letras Libras da UNIASSELVI; Graduada em Letras Português pela FAFIT; Especialista em Ensino de Libras pela UNINASSAU. E-mail: adilmalibrasp@gmail.com

No Brasil, a luta pelos direitos legais levaram décadas e persistem até os dias de hoje. Um grande marco para a conquista de direitos foi a promulgação da Constituição Federal de 1988 que apregoa o direito à educação para todos (ROCHA, 2007). O artigo 208 desse diploma ainda dispõe que é assegurado “III – o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Na Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9.394/96, que em seu art. 58 reforça e assegura também atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais deve ser preferencialmente oferecido na rede regular de ensino.

Já a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – LBI nº 13.146/15 traz em seu bojo as garantias de direitos sociais essenciais como direito à saúde e o direito à educação. Essa lei foi um grande avanço na defesa das pessoas com deficiência, e especialmente para as pessoas surdas. Pois ela visa promover e assegurar a igualdade com iguais condições para os exercícios dos direitos com o intuito que seja garantido a cidadania e a inclusão social (BRASIL, 2015).

No que diz respeito à inclusão educacional, a aprendizagem depende das características de cada aprendiz. Sendo assim, o professor precisa ficar atento às diversidades de aprendizagem dos alunos, pois é primordial identificar o grau de conhecimento desses, fazendo-os superar seus limites e dando a ajuda necessária para que consigam superar seus desafios (ZABALLA 1994).

O ensino e a aprendizagem são dois aspectos de um mesmo processo, se constituindo por meio de uma relação recíproca entre o professor e o aluno, destacando-se o papel do professor que tem a tarefa de organizar, dirigir, incentivar e instigar tal processo (LIBÂNEO, 2010).

Para tanto, esse trabalho tem o objetivo geral de analisar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para surdos e as possíveis estratégias que podem ser adotadas pelo professor desta língua no ensino remoto. A pesquisa tem cunho qualitativo, que de acordo com Minayo (2009) é aquela que busca analisar a realidade da sociedade, centrando-se na compreensão do indivíduo e que não pode ser traduzido em números. Já a revisão bibliográfica nos ajudará a situar o objeto deste.

Portanto, a pesquisa possui características de aproximação ao contexto, com objetivos que procura se aprofundar na realidade individual e/ou coletiva dos indivíduos analisados e extrair das pessoas investigadas reflexões de experiências para geração de informações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

A educação inclusiva, é uma realidade no sistema educacional Brasileiro. No entanto, não basta apenas garantir o acesso aos educandos com algum tipo de necessidade especial. Faz-se necessário pensar em sua permanência, desde o acesso as salas de aulas a os materiais pedagógicos pensados para contemplar as possíveis necessidades educacionais deste público.

A Língua de Sinais é considerada natural da pessoa surda. A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é a língua das comunidades surdas brasileiras. Tais línguas possuem regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas que auxiliam o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.

A Libras é considerada a língua natural dos surdos, sendo a língua portuguesa considerada como uma segunda língua. Sendo reconhecida pela Lei nº 10.436 em 24 de abril de 2002, essa língua funciona como meio de comunicação recorrente nas comunidades surdas do Brasil.

No Brasil, um significativo marco na história da educação de surdos deu início desde a época do império onde o professor francês Eduard Huet contribuiu com a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES na cidade de Rio de Janeiro, local onde os alunos estudavam e a língua de sinais era contemplada em meios aos métodos utilizados.

A língua de Sinais só passou a ser então sistematizada com base nos sinais usados pelas comunidades surdas de cada país. Assim como a Língua Portuguesa, a LIBRAS também obedece a uma gramática própria com níveis linguísticos correspondentes aos das línguas orais auditivas.

Nesse sentido, o alfabeto na LIBRAS, por exemplo, é produzido por diferentes formas que as mãos tomam para representar cada letras deste sistema, conforme se observa na figura 1 abaixo.

Figura 1 – Alfabeto em Libras



Fonte: <https://escritadesinais.wordpress.com/>.

Neste contexto, a função do professor de língua portuguesa, é a de refletir sua prática, operacionalizando procedimentos e aplicando instrumentos que viabilizem o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

O trabalho de educador exige que tenha sensibilidade para entender as características diferenciadas dos estudantes. A esse respeito, Freire (2010, p.11), recomenda que “a tarefa do ensinante [...] é exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo”.

Ou seja, o educador deve estar atento às particularidades do aluno surdo, ampliando as possibilidades de sua aprendizagem. Neste aspecto, tendo um olhar ativo que:

implica em tomar consciência de problemas coletivos e relacionar a experiência da própria comunidade com o que ocorre em outros contextos. A educação para a cidadania inclui aprender a tomar a perspectiva do outro – da mãe, do pai, [...] de outra criança, de quem perdeu a mãe, de quem tem o pai muito doente ou preso na penitenciária – e ter consciência dos direitos e deveres próprios e alheios (OLIVEIRA, 2007, p. 52).

Pois educar está para além da transmissão do conhecimento, uma vez que as relações interpessoais estão envolvidas nesta ação. E assim o professor enquanto facilitador do conhecimento pode aprender com seus educandos e estes consequentemente de posse dos conhecimentos, podem tornar-se cidadãos conscientes de

seu papel. Desse modo, o ato de educar, envolve um olhar mais atento que o professor deve ter neste processo, afim de reconhecer potencialidades ou dificuldades de seus alunos, podendo estas estarem relacionadas a uma deficiência.

Assim, o professor precisa diagnosticar as dificuldades que estão interferindo no processo de ensino e aprendizagem, procurando formas de motivar o aluno a sentir prazer neste processo.

Ensino e a aprendizagem são duas faces que compõem a mesma moeda. Um não existe sem o outro. Portanto, este processo envolve um planejamento eficaz para que os objetivos de ensino sejam evidenciados na aprendizagem dos educandos

2.1 Libras como primeira língua

A língua portuguesa se constitui tomando por base os sons orais. Já a LIBRAS por exemplo, utiliza referências anafóricas por meio de pontos que são estabelecidos no espaço que pode excluir as ambiguidades que o português utiliza. Moreira; Fernandes (2008), assevera que uma educação com atitude inclusiva faz parte da concepção de direitos humanos, não dependendo das dificuldades ou características dos estudantes. Para assegurar o direito à educação se deve ir além do acesso, redefinindo as práticas em função das necessidades e especificidades dos estudantes.

Para o aluno surdo e ou surdo cego se comunicarem, eles utilizam os canais visuais, gestual e/ou sensorial, os quais possibilitam a apreensão, compreensão e percepção do mundo pela visão e/ou tato.

Para tanto, o professor que leciona para alunos surdos e/ou surdos cegos estes profissionais devem usar materiais didáticos e pedagógicos visuais, sensoriais construindo um currículo que tenha sentido para esses estudantes, fazendo com que estes tenha acesso a experiências concretas em sala de aula, que favoreçam a compreensão do conteúdo estudado, obtendo os melhores resultados em relação ao processo de ensino e aprendizagem. (DORZIAT, LIMA, MACIEL, LOURENÇO, 2007). A figura 2 abaixo apresenta a diferenciação entre Libras e Português.

Figura 2 – Orientações visuais para aulas ao aluno surdo:

LIBRAS	PORTUGUÊS
VISUAL	ORAL
ESPACIAL OU SIGNWRITING	ESCRITO
MULTIDIMENSIONAL	LINEAR
SIMULTÂNEA	SEQUENCIAL
INCORPORAÇÃO	PREFIXOS, SUFIXOS, CONCORDÂNCIA
ANAFORISMO
SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO
EXPRESS. IDIOM., GÍRIAS	EXPRESS. IDIOM., GÍRIAS
6 CLASSES GRAM. EQUIVAL.	10 CLASSES GRAMATICAIS

Fonte: Vasconcelos (2021).

No século XX, a educação para a pessoa com deficiência no Brasil, no final da década de 1990 vai ser marcada pela inserção no contexto de reforma do sistema educacional e pelo caloroso debate da inclusão escolar. Assim, a discussão onde uma das pautas estava centrada em pensar em um sistema de educação não apenas voltado para a pessoa com deficiência, mas uma educação inclusiva que acolha todos os sujeitos. A educação inclusiva, constitui-se e fundamenta-se na concepção dos direitos humanos.

A escola, em sua missão, tem o papel de promover o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os alunos. A inclusão, considerada como novo paradigma educacional propõe uma mudança de postura da escola acerca da diferença e uma reformulação no sistema de ensino que atenda a todos os estudantes, independente das suas diferenças, principalmente nesse momento de Pandemia do Covid-19.

Citando como exemplo um aluno surdo, usuário da Libras como primeira língua, para que o mesmo compreender textos, se faz as seguintes orientações para a aula remota por meio de aplicativo que poderá ser usado tanto pelo celular, quanto pelo computador:

Quadro 1- Dicas para ensinar o aluno surdo em época de Pandemia

DICAS E ORIENTAÇÕES
Usar textos com imagens, apresentação com imagens contextualizadas, vídeos com tradução em Libras e legendas, usando aplicativos e chats; Deixar apenas a câmera do professor e interprete de Libras aberta para observar melhor o interprete sem distrações acompanhando a apresentação do professor com mais eficiência por parte do estudante surdo; Falar de forma clara e perceber se a câmera do intérprete de Libras não trava; Se reunir, quando necessário, de forma individual com o estudante surdo para acompanhamento de sua evolução e consultar quando necessário o interprete de Libras para passar os materiais com antecedência e consultar se há alguma necessidade de explicação de sinais específicos da área.

Fonte: aluno (2021).

Para tanto, no processo avaliativo, DORZIAT, LIMA, MACIEL, LOURENÇO, 2007 sugerem alguns passos que resolvemos adicioná-los e pensá-los para este tempo de pandemia.

Desse modo, o professor de língua portuguesa na modalidade virtual deverá usar as seguintes orientações:

Valorizar, na correção de provas discursivas e de redação, o aspecto semântico do texto sobre o aspecto formal;

Fornecer ao intérprete de Libras o plano de curso do docente, como também os materiais didáticos que serão usados na disciplina, tendo em vista o interprete se preparar com antecedência, tendo em vista interpretar a aula;

Outrossim, dar ao estudante o plano de curso do componente curricular, como as cópias visuais que serão usadas na aula. Se o aluno for alfabetizado em português e Libras, disponibilizar os planos nas duas línguas, pois o mesmo poderá acompanhar a aula pelo texto escrito ou em sua língua quando desejar;

O professor deverá compreender que durante as avaliações, a Libras poderá influenciar no seu processo de escrita do aluno surdo;

Não explicar o conteúdo quando a conexão do intérprete de Libras estiver caído pois a informação não será compreendida pelo aluno surdo, sem que esta esteja em sua língua;

Dirigir a palavra ao estudante surdo, mesmo havendo o intérprete de LIBRAS;

Repertir questões ou comentários realizados durante a aula, caso o aluno surdo não tenha compreendido ou o interprete de Libras não tenha compreendido por questões linguísticas ou de conexão;

Indicar quem está falando;

Respeitar a vez de cada discente falar, evitando que se fale ao mesmo tempo;

Pedir para que todos falem de forma clara para que os intérpretes acompanhem as discussões, interpretando com exatidão;

Usar materiais concretos, visuais na aula;

Ao usar os recursos visuais e a tradução em Libras para permitir ao estudante acompanhar o vídeo;

Comunicar as instruções gerais de trabalhos por escrito e sempre que possível dar possibilidade do estudante surdo sanar suas dúvidas;

Entregar ao estudante surdo um esboço da exposição oral juntamente com a tradução em Libras, pois este não terá como anotar comentários durante a exposição oral do conteúdo.

Já para o contexto presencial, temos algumas dicas amplamente difundidas no ato de comunicação com a pessoa surda. Abaixo, as figuras 1 e 2 apresentam como dialogar com o aluno surdo:

Figura 1 - Dicas para dialogar com o aluno surdo:

1 – Não olhe para o outro lado ao conversar. O contato visual é importante na comunicação;

2 – Ambiente claro e boa visibilidade são importantes para um bom entendimento;

3 – Não é preciso gritar. Fale em tom de voz normal;

4 – O surdo não pode perceber mudanças de tons ou emoções através da voz.



6 – Se você não entender o que uma pessoa surda está falando, não tenha vergonha em perguntar novamente e não perca a paciência.

7 – Peça sempre para repetir e, se for preciso, escrever. O mais importante é que exista a comunicação.

8 – Se precisar falar com uma pessoa surda, chame a atenção dela tocando em seu braço.



Fonte: Vasconcelos (2021).

Percebemos que estas dicas podem adaptadas para o ensino virtual, conforme fizemos anteriormente, no entanto podemos acrescentar:

- Deixe sua câmera ligada e de preferência a dos demais alunos que não esteja, falando desligada;

- Esteja em ambiente bem iluminado;

- Quando o surdo estiver sinalizando mantenha sua atenção nele;

- Se não compreender sua pergunta ou fala, peça-o para repetir e assim o interprete de Libras traduzirá novamente sua fala;

- Caso queira falar com o surdo, aguarde a tradução ser feita pelo intérprete de Libras e o possível deley da interpretação de sua fala para a língua portuguesa, lembre-se que a mesma tem estruturas distintas;

- Caso passe um vídeo o não seja possível o interprete de Libras acompanhar a tradução por motivos técnicos, não continue a transmissão do mesmo para que o alunos não seja excluído da aula por falta d etradução.

Nesse contexto, a escola é considerada como um espaço propício para a convivência de diversos grupos, inclusive de grupos que historicamente foram excluídos da escola e da sociedade: as pessoas com deficiência.

A aceitação do convívio junto à pessoa com surdez, parte de determinadas atitudes que envolvem valores pessoais enraizados sobre direitos e normas de convívio social. Nesse aspecto, as reações de inclusão que o professor pode manifestar possuem componentes cognitivos, emocionais e comportamentais (OMOTE, OLIVEIRA, BALEOTTI, *et al.*, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços no sistema educacional não foram suficientes para criar condições para o desenvolvimento de escolas para todos que garantam educação de qualidade com equidade. Pois, para que uma escola se torne modelo de educação inclusiva é necessário estimular a formação dos gestores, corpos docentes e demais educadores que atuam nas escolas brasileiras, mantendo a meta de garantir a educação para os que dela necessitam, não devendo haver mecanismos de seleção ou discriminação de qualquer espécie.

A pandemia do COVID-19, desafiou os educadores do mundo a pensar em meios de sistema o ensino para alcançar seus alunos. No entanto é necessário lembrar das subjetividades que cada aluno tem.

O ensino da Língua portuguesa para pessoas surdas é um assunto bastante discutido nas literaturas, no entanto é importante frisar que para acessar este conhecimento ele irá recorrer a sua primeira língua afim de que esta informação seja compreendida.

Isto posto, o professor na modalidade remota que tenha alunos surdos em sua turma, precisa pensar em aspectos atitudinais e conteudista para que este conhecimento chegue com eficácia a estes, conforme discutimos neste artigo.

Portanto, a função social, política e pedagógica da escola se baseia em princípios norteadores que devem ser cumpridos por toda a equipe escolar envolvida, pois para que a escola cumpra com esse papel social é de suma importância que os educadores estejam trabalhando para garantir que se abra para todos de forma acolhedora e sem distinção. Assim, para eliminar a problemática da exclusão existente é preciso contar com o compromisso dos atores sociais, atentando para as diferenças específicas da pessoa com deficiência e acolhendo-a em suas diversidades.

Para alguns educadores a proposta da inserção é compreendida como simplesmente inserir os alunos nas classes regulares, sem levar em consideração o aspecto de que, mesmo incluído em uma classe regular e integrado aos alunos ditos normais, não significa que este aluno está se apropriando da construção do conhecimento.

Corroborando com esse aspecto citado anteriormente, precisamos analisar o fato de que a necessidade da educação inclusiva acontece devido à sociedade não conseguir incluir todos os sujeitos no tecido social de forma homogênea. Assim, esse não atendimento uniforme, faz com que ocorra a inversão social, em que o Estado pratica o

Da teoria à prática: estratégias didáticas para o ensino de Língua portuguesa/Libras para surdos e ouvintes
modelo social da deficiência, pois não consegue incluir todas as pessoas e, nesse aspecto, obriga os sujeitos a se adequar a essa sociedade.

A Libras como primeira língua é uma necessidade da pessoa com deficiência surdez. No que diz respeito às aulas se conclui, baseado no trabalho em tela, que os professores devem contemplar em suas estratégias de ensino mecanismos visuais afim de incluir a pessoa com surdez ou surdo cegueira, independentemente de sua modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio Roberto (Org). **Inclusão e Escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. 192p.

BRASIL. **Lei Brasileira de inclusão** - Lei Nº 13.146/15. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm
Acesso em 01/06/2021.

DORZIAT, Ana. ; LIMA, Niédja Maria Ferreira; MACIEL, Eliane Maria de Menezes; GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda**. Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio Interacionista. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

MINAYO, Maria. C. S (Org). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, Laura Ceretta; FERNANDES, Sueli. **Acesso e Permanência de Estudantes Surdos no Ensino Superior**. Londrina/PR. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/palestra_mesa_02_01.pdf>
Acesso em: 01 de junho de 2021.

OMOTE, S.; OLIVEIRA, A. A. S.; BALEOTTI, L. R. et al. **Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão**. Paidéia. Ribeirão Preto. v.15 n.32. set./dez, 2005.

ROCHA, Solange in: **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Vol. 01, (Dez/2007).Rio de Janeiro: INES/2007.

VASCONCELOS, M. C. **Atendimento ao aluno surdo**. Disponível em: Documents/Downloads/slides%20do%20IFRN-convertido.pdf. Acesso em 01 de junho de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este ebook objetiva contribuir com as necessidades educacionais dos alunos com surdez na perspectiva do bilinguismo – Libras e Língua Portuguesa- a fim de oferecer aos professores deste público matérias para a sua prática no ensino aprendizagem de seus educandos.

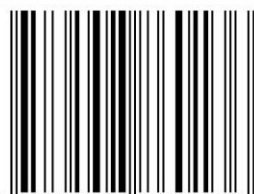
Sabemos que nos tempos atuais, a educação de Surdos ainda é um desafio a ser vencido pelo sistema educacional brasileiro. No Brasil, em si tratando da educação de pessoas Surdas, temos um considerável amparo legal que dão subsídios a esta educação, a exemplo da lei de Libras sob número 10.436/02 e seu decreto nº5.626/05 que dentre outros pontos reconhecem a Libras como língua e a institui como disciplina, a Lei Diretrizes e Bases da educação 9394/96 em seu art 59 que orienta a estabelecimento de normas do sistema de ensino para o funcionamento das escolas, afim de que possam elaborar um projeto político-pedagógico e disponham de professores capacitados.

Nesta perspectiva, no ano de 2020 os surdos brasileiros tiveram mais uma significativa conquista que foi o decreto 10.502/2020, o qual dentre outros pontos, prevê o ensino pensado na pessoa surda e o que permeia esta educação, ou seja, a língua. Nesta modalidade de educação destinada a este público, a Libras e a língua portuguesa, estão inclusas na modalidade bilingue, ou seja, a Libras como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua.

Reconhecemos a importância de todo amparo legal voltados para a educação de surdos, porém na prática, os recursos didáticos para o ensino da Libras ou da língua portuguesa para surdos, ainda são exíguos. E, pensando nisto, este material visa de contribuir os professores envolvidos nesta educação favorecendo o processo ensino aprendizagem do educando surdo, através de materiais bilingues Libras-língua portuguesa com sugestões de atividades sequenciadas voltadas para a educação de pessoas surdas.



ISBN 978-65-5886-013-6



9 786558 860136